

QREN - Aldeias de Memória

História de Vida

de

Diamantina dos Anjos Gonçalves

registada em 2009-02-10
por

Susana Pires e Jenny Campos

Diamantina dos Anjos Gonçalves

Diamantina dos Anjos Gonçalves nasceu na Mourísia, no dia 20 de Janeiro, no dia do mártir São Sebastião. Hoje tem 82 anos. O pai, Albino Gonçalves, trabalhava nas fazendas, e a mãe, Emília dos Anjos fazia a “vida de casa”. Os pais faziam Diamantina e os irmãos trabalharem muito, “mas era sempre comer de fartura”. Durante a infância os jogos e os brinquedos eram pouco, passavam o tempo a jogar à barra, à cisca barrisca, ao botão e a brincar com as bonecas de trapos. Aos 12 anos já andava ao dia fora a “sachar milho, desfolhá-lo, tirar-lhe a folha, tirar as espigas, trazê-las, escarpelá-lo, malhá-lo”, a ganhar 25 tostões por dia. Diamantina nunca foi à escola, porque tinha de ajudar a criar os irmãos. “Não houve outras hipóteses.”

Índice

Identificação Diamantina dos Anjos Gonçalves.....	4
Ascendência Albino Gonçalves e Emília dos Anjos.....	4
Infância As brincadeiras e o trabalho.....	8
Educação Não havia hipóteses.....	11
Casa "Era uma miséria mas tão alegre!".....	11
Religião Um pinguito de vinho.....	12
Namoro "Tive tanto namoro".....	12
Costumes O porco, o milho, as castanhas, as festas e os doces.....	14
Lugar Mourísia de outros tempos.....	16
Lazer "Emocionei-me".....	19

Identificação *Diamantina dos Anjos Gonçalves*



Diamantina dos Anjos Gonçalves (Fonte do Pião, Março de 2008)

Sou Diamantina dos Anjos Gonçalves. Nasci na Mourísia, no dia 20 de Janeiro, no dia do mártir São Sebastião. Fiz 82 anos.

Ascendência *Albino Gonçalves e Emília dos Anjos*

O meu pai era Albino Gonçalves. A minha mãe era Emília dos Anjos.

O meu pai trabalhava nas fazendas, a romper fazenda. Amassava pedras e fazia cômbrs para semearmos o renovo. Iam trabalhando e melhorando para diante as calhadas que há na aldeia. Fazia para casa e, às vezes, ajudavam os outros. Havia mais iguais. Porque as fazendas não eram todas como estão agora.

E umas vezes pagavam, outras vezes era em troco. Hoje dava a eles, ele ajudava a gente. Isto era aí uma gente toda, era uma maravilha.

A minha mãe era a vida de casa. E com os miúdos, ir à feira de Avô, trazer retalhos, lá tinha conhecimentos, trazer retalhos para fazer roupinhas para a gente. A minha mãe era muito vaidosa. Trazia sempre os filhos limpinhos, à beira dos outros. Ia à feira uma vez por mês. Era à quarta-feira. A última quarta-feira do mês. Também ia à de Côja mas não era tanto. Porque para Côja ainda é um bocado mais longe e ela ia a pé. Não havia carros nem havia estrada. Era aí quase duas horas e meia.



Maria Helena, Hortência, Maria dos Anjos, Isaurinda, Diamantina, mãe, pai, José, Eduardo, Aníbal e António

Deus deu-lhe inteligência

A minha mãe é que fazia a roupa. Aprendeu com ela, ninguém a ensinou. A minha mãe casou-se com 17 anos, ainda não os tinha. Porque o meu avô teve seis filhos.

A minha mãe era a guardar o gadelho. E o meu pai andava a namoriscar com a minha tia. Depois estava já aí um irmão dele e começou:

- "Vais ficar com aquela."

E então lá calhou. E andavam a puxar dois ao mesmo tempo para a minha mãe, a minha mãe não sabia se havia de ficar com o de aqui, se com o meu pai.

O meu pai era do Tojo. Nem sabia com qual é que havia de ficar. Mas claro lá lhe puxaram mais para aquele.

A minha mãe era assim: ia à feira reparava como eram os feitios e tudo e chegava a casa e fazia. Deus deu-lhe inteligência. Tinha máquina de costura. As pessoas aí diziam quando viam os fatos nas minhas irmãs:

- "Ah, a tua mãe não estava com dor de dentes quando aprendeu a fazer esses feitios."

Ela era muito vaidosa, ela via um feitio, ia fazer. Mas fazia só para casa.

Fazer carvão

O meu pai também chegou a fazer carvão. Ele arrancava as torgas. Eu ia levar-lhe o comer e depois ele dizia-me assim:

- "Junta as torgas!"

Umam eram debaixo e outras de cima. A cova era feita redonda e depois as torgas põem-se em roda. E depois ele acendia o lume. Punha-se as torgas maiores. Depois põe-se as mais pequenas. Chegando a ponto de estar vermelho, está feito. Depois dava outra camada, e ele sentava-se lá com um pau, uma forquilha, e havendo torgas:

- "Olha bota lá, bota lá!"

E depois cavava a terra dos lados. O que é a gente tinha que escolher as pedras. Não pode levar pedras. Ia pondo, pondo, pondo a terra onde estava muito encarnadinho e eu botava a lenha. Eu gostava de lá andar. E assim era. Quando calhava ao domingo que não iam, mandavam-me lá. Se apanhasse um furadoiro derretia-se o carvão todo. Se abrisse um burquinho na terra derretia-se todo. Fica sem nada. Depois ia ver, às vezes, já estava a moita a deitar fumo, lá ia cavar um bocadito. E ainda o trazíamos, às vezes, para a aldeia. E iam também raparigas para ganhar. Às vezes, os machos não podiam lá ir. Depois o carvão era vendido para a banda de Viseu, e para aquela zona e para a banda de Vide.

Curada com ferrugem e mel

Uma vez até parti a testa quando fui levar o comer ao meu pai. Naquele tempo é que era um respeito. Caí, bati com a testa numa peneda, ainda aqui tenho a cicatriz. A minha mãe, era assim, fazia a sopa, havia umas tigelas grandes, chamadas de pó de pedra, não eram assim só barro somenos, e levava as batatas e o conduto ali e levava a sopa. E vinha com o cestelho. Ora uma criança pequena, não sei a idade que tinha, já não era assim muito pequena mas

ainda trazia uns paus às costas, aquilo ou lá me empecaram ou se me enfiou o artelho nalgum "canhoto", caio para além, ainda disse assim:

- Ó pai, não me bata.

Ele começou a chorar. Tirou-me o lenço da cabeça, foi molhá-lo, havia lá água, pôs-mo, chegou aqui. A minha mãe:

-"Ai Jesus então ela caiu! Olha que ela se calhar cegou."

Eu não via de um olho. Depois a minha mãe punha-me mel com ferrugem, por cima. E punha-me um trapo e andava assim com o olho. Um dia fui ali para a fonte e tirei-o. Estava lá uma mulher e começou a dizer-me:

-"Ai Diamantina como tens o teu olho! Ai Nossa Senhora."

Comecei a chorar, fui-me embora a gritar. Enfim, não gostei dela me dizer aquilo. Porque eu não ia ao espelho, quer dizer, não sabia como é que andava. A minha mãe tratava muita coisa assim. Se houvesse um pico, se houvesse uma coisa qualquer, vinha cá muita gente. E hoje pedem-me o mesmo. Vem muita gente para tirar picos. Curou a ferida com mel e ferrugem. Ia buscar ao forno. Amassava-se aquilo e punha-se, como o sangue pisado. Porque aquilo fez-se negro foi do sangue estar por ali pisado de roda.

Eu ainda trabalhei muita vez com o carvão. Eu mais um meu irmão. Uma vez fomos fazer carvão para passar a ferro. Eu cheguei a pontos que tinha três ferros. A gente enchia-os de carvão. E havia fogareiros também. Havia gente que fazia o comer nos fogareiros. Esses não, mas passar a ferro passei muita vez. E quando passava mais a ferro era ao domingo. Só para casa. E tanto passava a roupa para os maiores como para os mais pequenitos. Punha nas cadeiras, ia passando e punha nas costas das cadeiras, a gente não tinha cá guarda-fatos, não tinha nada. Tínhamos uma mala que o meu pai trouxe da tropa, onde punha melhor as camisas dele, engomadas, dobradas de um lado e de outro. Tínhamos uma corda, eu ia e pendurava os cabides por ali adiante.

E para esses bailes éramos sempre uns puros. Iam para os bailes, até este meu irmão que morreu tocava acordeão. Iam para o Monte Frio, para as Casarias, Pomares, para as Corgas, para o Sobral Gordo, para o Sobral Magro, e daí vinham para aqui. Formavam umas tocadeiras e vinham para a Mourísia. Também queriam ir ver as raparigas. Era tempo bom. Mas antes de irem a minha mãe era sempre:

- "Ó filhos ide. Quero que respeitem as raparigas. Se alguém vier dizer alguma coisa, ai de vós!"

Eles, às vezes, já diziam:

- "Ela deu-nos um sermão".

Quando nós saíamos à capela para cima ela ia sempre para a janela para espreitar a gente. Fosse rapaz, fosse rapariga. A gente também íamos, às vezes.

- "Mas ao sol posto quero-vos aqui. E a primeira coisa é irem à missa. Se eu souber que vocês não ides à missa, nunca mais ides."

Infância *As brincadeiras e o trabalho*

Sardinha uma atrás da outra

Quando a minha mãe ia à feira, lembro-me que íamos com um candeeirito "pia além"¹ ao cimo de Sobral Gordo, depois já se começava a ver, lá ia. E, às vezes, já iam pessoas de Sobral Gordo, iam pessoas de Sobral Magro, que não tinham medo. E, por vezes, ia com os ranchos, juntavam-se. Ia eu com a candeia e depois voltava para trás. Já se vendo, voltava para trás. Não havia lampião, havia quem tivesse mas nós não tínhamos. Era um candeeirelho e não se apagava, parece que era por Deus, e outras vezes, ela dizia:

- "Olha, há aí muito que fazer, eu vou."

Lá escondia o candeeiro numa moiteira, numa coisa qualquer e no fim trazia-o. Custava muito naquele tempo. Nunca teve um abono para criar os filhos. Da feira de Avô trazia sempre muita sardinha, às vezes, bacalhau, daquele mais barato do que era nas lojas. Sabão era pesado, não queria trazer. Mercearia, uma massa grande, que ela trazia, chamavam massa capote, a gente tinha sempre muito comer, a minha mãe fazia um comer muito bom. Nunca se acabava. Trazia as coisas num saco. Não queria papéis. Ela despejava na balança, levava um saco, e depois virava e trazia o saco cheio. Chegava a casa, punha numa cesta. Era uma sopa com feijão, batata e depois punha muita massa. As sardinhas eram as que queria. A minha mãe não comprava da grande que o meu avô não gostava, e não era tão gostosa. Era da média. Mas chegava a casa e dizia, às vezes, assim para a gente:

- "Olha ide lá fritá-la!"

Nós atrás de uma, e outra, comíamos as que queríamos. E alguns tinham de dividir mas nós não. Em minha casa não. Faziam trabalhar muito a gente mas era sempre comer de fartura. Sempre. Também se comia batata, feijão, que era o que havia, castanha também. E matávamos, às vezes. Primeiro era só um porco mas depois chegámos ao ponto de matarmos quatro. Quatro porcos. Só para

¹por aí

casa. Mas também já estavam os meus irmãos em Lisboa. Também ia para uma parte para eles.

Bailes, jogos e a boneca de trapos

Também brincávamos mas pouco, porque tinha que andar com eles, com os mais novos. Quantas vezes eu queria dançar, que eu para dançar fui sempre assim e, às vezes, os rapazes diziam:

- "Só se o levamos ao colo."

Às vezes, levava-o ao colo e pronto lá andávamos. Mandava, às vezes, uma das minhas irmãs:

- "Olha vai até ali."

Eu ainda não tinha saído da porta e ela já lá tornava a estar.

Fazíamos jogos. Uma vez era à barra, outras vezes era à cisca barrisca, uns atrás dos outros. À barra punham-se uns ao pé dos outros, depois:

- "Barra, barra!"

Depois a gente fugia e ia à procura deles, às escondidas a ver onde estavam. Era assim as brincadeiras. Ao fim já havia outras. A cisca barrisca era assim: estavam todos em carreira e depois diziam:

- "Cisca barrisca."

Escapava cada um para o seu lado, depois aquele que o achasse era aquele mesmo que tinha que vir para lá. E estava de olhos fechados, a falar tinha de estar com os olhos fechados.

Brinquedos tínhamos poucos. Toda a gente tinha poucos. Jogava-se ao botão, punha-se o botão numa cova, depois dava-se uma castanhada e metíamos. Tínhamos vezes que era a cova cheia de botões. Arrancávamos à roupa em casa. Eram assim as brincadeiras.

Eu tive uma boneca, a minha mãe foi à Senhora das Preces, e lá comprou-me umas bonequelhas, andávamos com aquilo. Depois, às vezes, os mais novos arrancavam-lhe ainda as pernas. Era uma arelha. Depois a minha mãe fez-me uma boneca de trapos, por assim dizer, e era muito boa. Eu gostava muito da boneca. O meu pai que era muito brincalhão, tínhamos um caldeirão assim de cima de onde a gente punha as panelas, eram de ferro, naquele tempo as panelas eram de ferro, depois pôs lá a boneca e andava:

- "Olha ela a dançar, a dançar."

Ao fim caiu para o lume, começou a arder, eu comecei a chorar pela boneca. Depois ele fez-me uma. A minha mãe dizia:

- "Olha agora há-de-lha fazer."

Mas já não era tão "azadinha"² como aquela. Com os gravetinhos, lá os andam a partir e a alinhar os trapos e a cozer.

"Era uma pessoa valente"

Aos 12 anos eu já andava ao dia fora. Já ganhava como aquelas que tinham 20 e mais. Era uma pessoa valente. Hoje já estou fraca. Era sachar milho, desfolhá-lo, tirar-lhe a folha, tirar as espigas, trazê-las, escarpelá-lo, malhá-lo, fazia a gente tudo o que mandavam. Às vezes, mandavam a gente ir ao mato. Em certo tempo tínhamos as cavacas para pôr no lume. Íamos a uma feiteira que agora está cheia de mato, um ranchito de raparigas "pia além"³ para ganharmos qualquer coisita. Primeiro ganhávamos 25 tostões por dia. Era um dinheirão. Mas não era para mim. Dava-o para a casa. Não tenho um tostão do que ganhei. Tenho dinheiro, sim senhor. Mas do que ganhei não. Sempre o dava. O meu pai, vendo que tal, ia comprar este bocado, aquele bocado. Estava sempre empenhado. Ia pedir dinheiro. Comprou uma fazenda por 30 contos. Naquele tempo, era muito dinheiro. Viam-se à rasca. E a pagar os juros caros. Arranjava-se para os juros, então mas e para o próprio? Ia comprar umas ovelhelhas, umas cabrelhas somenos, metíamos numa fazenda, depois tratávamo-las bem. Depois elas estando boas, vendia-as e já ganhava dinheiro. E a minha mãe fazia muito queijo, comíamos muito queijo mas também vendia. Com aquele dinheirito é que ia para a feira comprar. Era assim. À comparação de aí alguns nós fomos criados muito bem. Alguns, coitadelhos, de manhã davam-lhe a sopa. Ao meio-dia umas batatas ou sopa também. À noite outra vez sopa, leite nunca tinham de fartura. O que é tínhamos de trabalhar! Também o mais pequenito ia para a escola ainda tinha que ir tratar dos cordeiros e ainda tinha que ir buscar um molho de mato. E pequenelhos! Nós fôramos criados com muito trabalho. Às vezes, vinham aí as pessoas e:

- "Olha amanhã pode-me ajudar?"

E a minha mãe dizia:

- "Ai Jesus que há tanto para fazer!"

- "Olha é bem feito!"

Quando era pela altura da festa tinha-se sempre roupa para o mais pequenito, até ao mais velho. Estreávamos sempre roupa, os vestidos que ela nos fazia. Ela para a gente comprava sempre roupinha boa. Mas mesmo o

²jeitosa

³por aí além

pequenuelho, naquele tempo, não havia calçado como agora, comprava-lhe uns peúguelhos e umas meielhas para pôr nos pés.

Descalça ou de tamancas

Eu andava com umas tamancas. Tínhamos uns sapatos, quando íamos à missa a Pomares, íamos com as tamancas "pia baixo"⁴, e metíamo-las numa toca de um castanheiro. E depois calçávamos os sapatos só perto e ao fim tornávamos a tirar. Eu sapatos usei poucos anos. E quando era a dançar, dançávamos descalços. Não era só eu. Eram todos. Até os rapazes dançavam descalços. Aquilo é que era uma miséria.

Educação *Não havia hipóteses*

Nunca andei na escola. Por causa de ajudar a criar os meus irmãos nunca fui para a escola. Mandaram o meu irmão Zé, que é o chegado a mim, e quase tudo aí, mandavam só um de casa. Onde havia rapazes, iam rapazes, e onde havia raparigas, iam raparigas. Não houve outras hipóteses naquele tempo.

Casa "*Era uma miséria mas tão alegre!*"

A minha casa era ampla, tinha duas salas para um lado e duas para o outro. E dois quartos em cima. Era a minha casa. Chegámos a estar todos em casa. Até tínhamos umas camas adiante. Tínhamos duas camas em carreira, onde dormiam as raparigas, na sala. Nós éramos nove. Um é que já morreu. Ficavam os rapazes de um lado e as raparigas do outro. E alguns iam dormir na outra casa. Tínhamos um quarto ou dois nessa casa. A cozinha era mais baixa do que a casa. Não tínhamos casa de banho, íamos ao barroco. Depois os meus irmãos fizeram uma casita por baixo, por baixo do forno. E os mais era tudo na mesma. Era uma miséria! Mas era um tempo tão alegre. Tomávamos banho numas bacias. Quando queríamos tomar uma vinha para a loja, para baixo, outra ia para a da lenha, cada uma ia para seu lado. E não tínhamos água em casa. A água que está em casa era da nossa. Íamos buscar à fonte. Trazíamos nuns cântaros de barro primeiro.

⁴por aí abaixo

Religião *Um pinguito de vinho*

Eu andei na doutrina. Era em Pomares. Íamos da Mourísia para Pomares, a pé. Éramos alguns sete ou oito. As irmãs do padre é que ensinavam a doutrina à gente. Porque na Mourísia sabiam doutrina mas naquela altura diziam que já era outra doutrina. Já diferente da de cá. Tinha de ser. Íamos aos domingos. Ao princípio era aos domingos. Depois íamos também à quinta-feira quando era assim já próximo para comungarmos, e quando era para o resto era todos os dias. Chegava a pontos que a gente já andava cansada. Era para a Comunhão Solene.

Para a minha Comunhão a minha mãe comprou um pano tão lindo, parece que ainda o estou a ver, assim aos riscos, a brilhar, pôs umas preguinhas a abrir, depois era uma faixa atrás, e levei um véu de uma noiva na cabeça. Foi o meu avô que o foi buscar ao Monte Frio. Tiveram de o enrufar com uma linha. Chegava-me aos pés. Uma garota. Parece que tinha 10 anos. E foi assim. Primeiro davam comida, umas sandes com fiambre e com marmelada, um copo de água e pronto. E os nossos pais levavam merendas, levavam chouriço, queijo e broa. Levavam comer para a gente comer. Depois, o meu pai ainda comprava um pinguito de vinho. E a gente bebia. Ao fim de virmos "pia acima"⁵. A gente já andava cansada de andar de rua em rua, de rua em rua, de rua em rua. Bebia um pinguito já eu ia a caminhar melhor por aquelas ladeiras acima. Aquilo é que era uma procissão. Tanta gente. No dia da Comunhão a gente andava naquelas ruas e os andores na frente.

Namoro "*Tive tanto namoro*"

Eu sou solteira. Mas tive tanto namoro. Eles chegavam ao pé da gente e falavam, às vezes, e à família. Hás-de ficar com fulana e a gente se queria dizia que sim, se não queria dizia que não. Tive um que ele disse-me assim:

- "O meu irmão Narciso - que estava em Coimbra - disse que em eu fazendo a tropa, eu vou para lá e vou para chofer."

E eu cá para mim:

- Olha vai para chofer já é uma coisa boa. Porque na Mourísia ganha-se pouco. Em Coimbra já a gente se arranja bem.

Foi para a tropa, não tirou a carta, chegou, despedi-o logo. Então o que é que eu ia fazer com um rapaz que não tinha nada? Não tinha emprego, não tinha fazenda, não tinha nada. Não fazia nada com ele. Se ele tivesse, digo e já tenho

⁵por aí acima

dito para as minhas irmãs, se ele tem tirado, como ele disse que ia tirar a carta e assim, tinha ido com ele, que eu gostava dele. Ele era um rapaz bonito. Por exemplo, os meus pais davam-me um bocado de fazenda para tratar, então mas se do lado dele não tinha nada como é que a gente se arranjava? Aqui não havia onde se ganhasse nada. Era uma miséria. E assim a gente ia para Coimbra, o irmão era chofer de umas velhas, metia-o lá e já a gente se governava bem. Eu não era parva de todo.

Tive outro e esse a família nunca me gramou. Ele andava em Lisboa. Mas foi para o seminário, aquilo ganhava pouco, naquele tempo. Andáramos um ano a escrever. Veio no fim do ano, diz ele assim:

- "Olha, não tenho dinheiro."

E digo eu assim:

- Então tu não ganhaste dinheiro?

- "Tive de dar o dinheiro para a casa, para vestirem as minhas irmãs."

- Ai é assim? Vai-te embora.

Nem que ganhe alguma coisa, era para as irmãs, ficávamos na mesma. Era uma miséria. E tive mais assim.

Depois havia aí um, que tinha bons bens, e era também bonito. Nessa altura foi quando fiz o baptizado da minha irmã, andava com a ideia dele. Andava quase com a ideia de ir com ele mas depois o outro disse-me assim:

- "Olha não vás com ele que eu vou para Lisboa. E é outra coisa que não é aquele, em bens e em tudo. Ao fim quando vier, tratamos das coisas e vamos embora para Lisboa."

É claro, despedi-me. Ele foi para Lisboa, depois vinha com aquela ideia. Chegou cá, com os irmãos, estava aí outra rapariga:

- "Tens que ficar com a outra, tens que ficar assim, tens que ficar assado."

Embirrou ainda hoje está solteiro. Ele disse-me para mim:

- "Se eu não for contigo também não vou com mais nenhuma."

Uma embirração que ele apanhou. Ele está solteiro. Tem muito dinheiro, andou nas obras e ganhou muito dinheiro mas também não é feliz, um rapaz sozinho também não é grande coisa. Mas também embirrou não foi com ela, nem foi comigo. A gente sempre lava a roupa, se é preciso fazer uns pontos, faz o comer, tudo. Mas ele também teve de se ajeitar. Fazer o comer tudo. E quem lhe faça as coisas. Ele tem dinheiro. Ele até tem prédios. Foi embirração que apanhou. Mas eu não quis casar. Mesmo depois, deve haver aí uns 15 anos, ainda me apareceram aí uns viúvos, disse para a minha irmã:

- Vai lá corrê-los que eu não quero falar com eles. Não quero saber deles para nada.

Apareciam aí que eu sei lá. Assim como para a irmã, ela é que não.

Costumes *O porco, o milho, as castanhas, as festas e os doces*

"Era uma alegria"

Na matança do porco juntava-se a família. Vinham os meus de Lisboa, também as de Coimbra, era a casa cheia. Depois íamos lavar as chouriças à ribeira, onde está o castanheiro. Íamos e aquilo era uma alegria. Estavam, às vezes um dia ou dois, depois iam-se embora. A minha mãe tinha uns alguidares grandes, ia repartindo a carne para lhes dar.

Era uma alegria, quando pariam as cabras, era uma alegria comer a gente aquele leite. Era fervido. Quando elas pariam, tirava-se o leite, depois fervia-se, aquilo ficava tudo, parecia coalhado mas aquilo é que era bom. Mas a gente comia pouco porque era forte. Aquele leite é muito forte. Também fazíamos o queijo.

Broa com sardinha

Tínhamos milho. Até vendíamos. Fazíamos a broa. A minha irmã tinha uma sorte com a broa que era uma maravilha. Ficava toda "esfalocadinha", parecia trigo. Ainda melhor que agora o trigo. Moía-se no moinho, movido a água. E quando era no Verão a água era pouca. Tínhamos de esperar que a água fosse pela ribeira abaixo para se moer. Depois trazia-se a farinha, peneirava-se, numa peneira. Depois fazia-se a massa, por exemplo, queríamos cozer amanhã, fazia-se hoje à noite a broa de milho, uma broa ou duas, com o crescente. Tínhamos sempre o crescente. Ali com aquela massa botava-se um bocadinho de farinha de centeio, que tínhamos sempre muito centeio, depois ao outro dia aquecia-se a água, acabava-se de peneirar, amassava-se bem amassadinha, e ela em começando a levedar, botava-se o lume ao forno. Às vezes, ainda lhe dava uma volta, outras vezes botava-se para o forno. Estava o forno quente, pronto. E fazia-se, às vezes, uma bôla. Punha-se sardinha mas a minha mãe dizia assim:

- "Sardinha põe-se por cima. No meio dela fica branca parece que é crua, não a quero."

Metia-a no meio da massa. Outras vezes era carne assim toda aos bocadinhos, outras vezes era chouriço. Fazia-se muita coisa. Às vezes, batatas descascávamo-las e punhamo-las também num tachito com a cebola, aquilo era

um cheirinho. Era assim que se fazia. Mas a gente faz o comer à base daquele tempo. Também tínhamos muita castanha, muita castanha.

"As festas eram melhores"

A padroeira da Mourísia é a Senhora da Assunção. Primeiro as festas ainda era melhores do que agora. No ano passado, ainda foi uma festa boa que ainda veio a música de Arganil. Botavam as ofertas à capela. Fazia-se uma oferta, era uma bandeja com tigelada, punha-se carne fresca, um presunto, punha-se um coelho, outros era uma galinha, cada um dava aquilo que podia. Às vezes era um centeio, cozia-se sempre uns centeios. Uma garrafa ou duas de vinho e era assim. E depois lançavam e ficavam com elas. Pessoas que vinham de fora. Levavam aquilo e iam comer.

Depois era os bailes. Mas se morresse uma pessoa qualquer já não se fazia nada. Se morresse, por exemplo, uma pessoa na entrada do Carnaval, nesse Carnaval já ninguém dançava. E punha-se sempre um lenço preto na cabeça mesmo que não fosse nada. Mas o Carnaval era a dançar. Vinham tocadeiras daqui, tocadeiras dali. Era assim. Não vinha gente como agora vem.

A carne e os doces

Quando era pela festa todos matavam uma rês, era assada a carne no forno. Fazia-se coscoréis, fazia-se tigelada, fazia-se arroz-doce. Primeiro não, mas ao fim faziam-se já pães leves. É fazer os bolos. Batia-se os ovos, bem batidos, e depois punha-se uma colher de farinha para cada ovo e de açúcar e depois punha-se no forno. Mas primeiro era coscoréis mais.

Os coscoréis são amassados e têm de ser fintos, se não forem fintos não prestam. Era também com um bocadinho de massa, punha-se um bocadinho de massa. Amassava-se por exemplo hoje e só para amanhã é que se fazia. Que eles crescem, ao fim eles crescem. São amassados só com ovos. Tem o azeite a ferver, depois agarram, tiravam um bocadinho de massa, "espichavam"⁶, depois punham no azeite, depois estando amarelos tiravam-nos. Estava uma a botar e outra a tirar, e a virar.

A tigelada são também batidos os ovos. Bem batidos. Depois leva açúcar, depois é posto nuns tachos, chamemos vidrados de barro, há muitos agora pelas feiras. Punham- se no forno. Quando colhe aquela casca assim para cima, a gente tirava-lhe a casca. Por acaso aquilo era bom. A minha irmã, uma que está em

⁶esticavam

Lisboa faz tanta vez, para dar àquelas pessoas. Tem lá muitas galinhas, e tem muito conhecimento. É melhor que os pudins. Eu também os como. Não há nada que chegue àquilo.

Baile de Natal

No Natal íamos à missa, íamos sempre à missa. E depois vínhamos e era bailarico. No dia de Natal e, às vezes, até na véspera. Ao fim já se seguia "pia além"⁷ para o Carnaval. Na ceia de Natal comíamos o que calhava. Não era assim como agora. Às vezes, diziam:

- "Despacha-te a comer. Olha já lá estão a tocar. Olha não te avies..."

Era tudo assim a apressarem a gente. Às vezes a gente queria-se arranjar e pentear e era tudo à pressa.

Lugar *Mourísia de outros tempos*



Mourísia

⁷por aí além

Os currais dos Mouros

A Mourísia chama-se assim porque viveram os Mouros. Há currais nesses outeiros, fizeram currais, casitas para eles e para o gado. E puseram o nome Mourísia. E aqui a Moura também era muito antiga.

"Nunca vi"

Contavam antigamente, histórias de lobisomens, já é do meu bisavô na Moura. Arranjou um pau grande com uma agulhada para picarem os bois. Quando andavam a lavar tinham uma vara e picavam os bois para eles caminharem mais. Ele tinha uma janelita, lá foi indo e espetou-o numa perna. Porque dizem que onde o espetarem fica sempre uma ferida. Ele fez-se logo como um homem.

Ouvia dizer que se forem sete raparigas seguidas, e se a mais nova não baptizar a outra que pode ficar uma delas bruxa. As bruxas aparecem assim em ensaios, a dançar umas com as outras. Eu isso nunca vi. Os lobisomens diziam que quando saíam de casa a primeira coisa que vissem, se era uma cabra, uma ovelha, que cheirassem aquela porcaria que se faziam assim. Não sei. Nunca vi. Era o que ouvia contar.

Melhoramentos na Mourísia

A Comissão de Melhoramentos por enquanto têm mudado pouco. A Casa do Povo foi feita não sei há quantos anos. Compraram a casa, era uma casa velha. Ajudámos a carregar o cascalho eu e as raparigas todas que havia. Para cima para uma camioneta, e ele levava-a. Taziam lá homens a mossar. Depois foi feita assim. E não levámos nada. Porque quando era dos bailes, este ano um emprestava uma divisão, para o outro ano era outro. Andavam sempre assim. Não havia sítio certo para dançar. Tinha que se andar:

- "Ó senhor fulano, veja lá, veja lá!"

Queríamos dançar e na rua não podia ser. Era assim que se fazia. A gente queria aquele melhoramento e lá se fez com a ajuda da comissão. E eu também ajudei a fazer aquilo. E puseram um homem a pôr a placa, um engenheiro.

Também veio a água. A luz já foi mais tarde. Ainda nós não tínhamos a estrada. Havia estrada mas era dos carros de bois. Era as estradas que havia. Depois puxaram a estrada mas teve que passar primeiro aquela por cima, a que vai para o Piódão. E ao fim foram as terras todas. As aldeias estavam isoladas.

Numa cesta até Côja

Primeiro os filhos tinham-se em casa. Vinham outras mulheres ajudar. Naquele tempo parece que era por Deus. Iam as mulheres ajudar umas às outras. Médicos era um em Côja e outro em Avô. Quantas vezes a minha mãe metia os filhos dentro de uma cesta e ia com eles para Côja. Tanta vez aconteceu isso. Levava-os numa cesta e, às vezes, também ia o meu pai e outras vezes ia uma qualquer com ela. Não havia carros, nem havia estrada, daqui para Côja a pé. Ela para criar os filhos também passou um bocadinho com doenças. E havia os barbeiros. Havia na Benfeita e assim. Ainda vinham à Mourísia muita vez. Íamos chamar. Tinha que ir uma pessoa, que não havia telefone não havia nada. Tinha que ir uma pessoa chamá-lo. Depois tinha que ir outro para ir buscar os remédios a Côja. Era uma desgraça. E agora, ninguém está bem, ninguém está feliz. Receitavam medicamentos. Eles eram como um médico. Às vezes, ainda melhor que alguns médicos. Eram entendidos, eram. Havia um do Piódão, era Arnaldo. E ali o da Benfeita chamavam-lhe José Augusto.

Com amor

Eu gosto de viver na Mourísia. Onde formos criadas, se tivermos amor, somos elogiadas. Ande por onde andar, mas aquela ideia nunca se vai embora. Já aí há muita coisa. Puseram o muro em cima que não estava feito. E puxaram também a estrada. Agora a gente tem dinheiro, primeiro não tínhamos dinheiro não tínhamos nada, mas hoje temos dinheiro e há carros, camionetas. Também temos o castanheiro. Vem muita gente vê-lo mas também não tem grande acesso. Para mim não tem nada de especial porque até lá andou o lume dentro, já está para velho como eu. Mas pronto ainda dá boa castanha, mesmo assim dá boa castanha. Não sei como é que foi, mas andava aí um rapaz, que já morreu, e a namorada e ao fim a umas tantas viram aquele clarão e disseram:

- "Se calhar andam ali lume nas palheiras ali dos portos."

Depois lá foram ver à eira, é que viram que andava lume no castanheiro. Foram buscar a água e lá o apagaram. Disseram que ele se calhar vinha a fumar e que botou para lá o borrão do cigarro e ao fim acendeu-se. Porque ele é oco. Não sei se foi, se não foi, eles é que sabem.

Harmonia, alegria e convívio

Agora não me interessa grande coisa mudada porque a gente já está numa certa idade. Eu gosto de ver é harmonia, alegria, conviver todos bem. Isso sim. Assim como a gente quando vai aos almoços a Lisboa gosta de ver aquela gente toda, eles todos querem que a gente vá para as mesas deles mas não chega. São os almoços da Comissão. Junta-se a gente daqui com os de Lisboa, as pessoas da Mourísia que moram em Lisboa. Fazem todos os anos, num hotel. A gente vai daqui, duas carrinhas cheias. E os de Lisboa vão também. É um convívio. E aqui também alugam umas camionetas e vêm para cá, também é um convívio que a gente vai fazendo.



Diamantina dos Anjos Gonçalves (Lisboa, 2008)

Lazer "*Emocionei-me*"

Eu gosto de viajar. Fui à Madeira, aquilo é tudo muito empinado. Vi o Curral das Freiras, visto de cima até mete medo. E aquela poça de onde a água vem dividida, e "pia além"⁸ uma levada aquém para uma poça.

Fui a Israel, numa excursão. Vi tanta coisa. Por assim dizer, vi muita coisa. A gente comove-se. Vi onde Nosso Senhor firmou o pé, onde ele se transformou,

⁸por aí além

vi a Igreja da Natividade e vi muita coisa. Emocionei-me na rampa, fizeram uma igreja e está o feitiço de um pé e quem quiser ver, foram muitos comigo que não viram. Eu ajoelhei e estive mesmo a ver o pé, bem escrito. Foi o sítio onde Nosso Senhor subiu para o céu. Ficou escrito o pé onde ele subiu mas a gente fica comovida. A gente chega a pontos que anda no ar. No Jardim das Oliveiras, umas oliveiras tão ramalhudas, até parece que aquela rama se está a rir para a gente, onde o foram prender, onde ele esteve ao luar. Onde ele disse para os apóstolos que iam com ele:

- "Ficai aí e orai."

Eles botaram-se foi a dormir. Estas coisas comovem a gente.